

## Rodas de Conversa e Cultura Visual: a Formação de professores em destaque

*Rounds of conversation and visual culture: teacher education highlighted*

*Círculos de Intercambio y Cultura Visual: la Formación de profesores en foco*

Adriana Maria de Assumpção  
Universidade Estácio de Sá  
adriana.assumpcao@estacio.br  
<https://orcid.org/0000-0002-5570-7877>

### RESUMO

Por meio desse artigo tecemos reflexões que problematizam a leitura de imagens no contexto de formação de professores, tendo como referência os sentidos envolvidos nessa experiência. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi desenvolvida com estudantes de um curso de licenciatura em pedagogia, em uma universidade federal brasileira. Assumimos as rodas de conversa como abordagem metodológica buscando compreender as narrativas desses estudantes e o contexto em que foram produzidas. Defendemos experiências que aproximem a formação docente da cultura visual, tão presente em nossa sociedade, entendendo que isso contribui com a criação de espaços democráticos e potencializadores de outras práticas educativas. Sublinhamos a importância de aprofundar os estudos sobre visualidades e a formação docente.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Rodas de Conversa. Narrativas. Cultura Visual. Leitura de imagens.

### ABSTRACT

*Through this article, we weave reflections problematizing the interpretations of images in the context of teacher training by taking the meanings involved in this experience as a reference. This qualitative research was developed along with students of pedagogy at a Brazilian federal university. Assuming the rounds of conversation as a methodological approach, we seek to understand students' narratives within the context they were produced. We advocate approaches that bring teacher training closer to the present ubiquitous visual culture, in favor of those experiences that work as a lever for creating democratic spaces with learning-conducive environments with alternative educational practices. We underline the importance of further studies on visual culture and teacher training.*

**Keywords:** Teacher education. Rounds of Conversation. Narratives. Visual Culture. Images reading.

## RESUMEN

*Por medio de este artículo tejemos reflexiones que problematizan la lectura de imágenes en el contexto de formación de profesores, teniendo como referencia los sentidos involucrados en esa experiencia. La investigación, de cuño cualitativo, fue desarrollada con estudiantes de un curso de licenciatura en pedagogía en una universidad federal brasileña. Entendemos los círculos de intercambio como abordaje metodológico, buscando comprender las narrativas de esos estudiantes y el contexto en el que fueron producidas. Defendemos experiencias que aproximen la formación docente de la cultura visual, tan presente en nuestra sociedad, entendiendo que contribuye a la creación de espacios democráticos y potencializadores de otras prácticas educativas. Resaltamos la importancia de profundizar los estudios sobre visualidades y formación docente.*

**Palabras clave:** *Formación de profesores. Círculos de Intercambio. Narrativas. Cultura Visual. Lectura de imágenes.*

## Introdução

*Eu gosto do absurdo divino das imagens.*

Manoel de Barros

O êxtase causado pelas imagens funcionou como uma mola propulsora para adentrar neste mundo que se constrói por meio de textos imagéticos e, desta forma, assim como o poeta, nos encantamos pelo “absurdo divino das imagens” (BARROS, 2013, p.426). Construir este texto reflete um desejo enorme de organizar, por meio da escrita, a *aventura pelas imagens*<sup>1</sup>, juntamente com educadores em formação e, nesse sentido, as reflexões afloram em meio aos autores que fazem parte deste estudo.

Nossas experiências como docente em um curso de pedagogia nos sinalizaram que esta formação contempla experiências com imagens, entretanto foi possível perceber algumas lacunas na problematização da leitura nesse contexto. A nossa trajetória de pesquisa teve início com a hipótese de que era necessário oportunizar aos estudantes experiências nesse sentido, e, desta maneira, refletir teoricamente sobre esta questão. O caminho metodológico foi estruturado, por meio de conversas com estudantes matriculados em um curso de licenciatura em pedagogia, em uma universidade pública federal, localizada na cidade do Rio de Janeiro. As conversas e os praticantes dos cotidianos (CERTEAU, 1994) dessa pesquisa se entrelaçaram tal como uma teia composta de sentimentos e sensações, onde os sentidos foram apropriados e ressignificados por meio das nossas leituras.

---

<sup>1</sup> Em seu livro *A Câmara Clara*, Roland Barthes (p.29) afirma que o princípio da aventura permite a ele fazer a fotografia existir. Para o autor, de modo inverso, sem aventura, nada de foto. Tomamos a expressão “aventura” para tratar do caminhar por entre imagens fotográficas.

Nossos diálogos se estruturam tomando como base os apontamentos de Santos (2010a, 2010b, 2016), Benjamin (2012), Freire (1993, 1995, 2001), Larrosa (2018) e Barthes (2005, 2009, 2011).

## A problemática e o espaço da pesquisa

Este estudo trata da leitura de imagens, especificamente fotografias, com o intuito de compreender como somos culturalmente iniciados nesse tipo de leitura, particularmente quando se trata do contexto de formação de educadores.

A licenciatura em pedagogia apresenta especificidades como o trabalho voltado para a prática de sala de aula, e, dentre outros aspectos, o licenciando é, muitas vezes, aluno e professor ao mesmo tempo, exercendo a profissão de educador em escolas públicas e particulares, especialmente na Educação Básica.

A escolha por um caminho empírico onde se entrecruzam narrativas imagéticas e narrativas orais de estudantes da área de educação, faz sentido à medida em que compreendemos a relevância dos estudos sobre cultura visual na formação de professores. Da mesma forma, as estratégias foram pensadas com o intuito de favorecer a escuta atenta dos sujeitos participantes e das conversas partilhadas. Esses sujeitos compartilharam saberes e inquietações que nos ajudaram a perceber os sentidos das narrativas visuais, tanto no que diz respeito à produção quanto à circulação em nossa sociedade.

O direcionamento deste estudo - tomando como objeto a problematização da leitura de imagens no contexto da formação docente - considerou também o valor social da pesquisa e suas contribuições com o campo da educação. Nesse sentido, convoco Ribeiro (2014, p. 25) corroborando suas palavras quando ele afirma que

Se para pensar o mundo é preciso nele mergulhar; para pensar a educação também é preciso vivê-la. Por isso, o formar-se professor/a é um eterno estar se formando professor/a, na e com a experiência, a qual ressignifica, indaga, reforça, nega e dá sentido ao aprendido.

Nosso mergulho nesse ato de pesquisar foi elaborado como momento de encontro e partilha com os participantes, em uma estreita colaboração, que buscou criar experiências geradoras de intervenções importantes em práticas já consolidadas ou “dormentes” em muitos dos cotidianos da escola (ASSUMPÇÃO; GOUVÊA, 2021). Na construção do caminho metodológico consideramos primordial, estabelecer um espaço de partilha de saberes que valorizou a história de cada participante. Nesse sentido,

intentamos uma formação não homogeneizadora, tendo como desafio a construção de conhecimentos de forma dialógica. Como caminho traçado, nossa busca por tais conhecimentos se concretizou no exercício de pesquisa aliada com a formação de professores, priorizando a escuta dos estudantes, a partir de suas narrativas.

Essa inspiração nos conduziu na construção de um caminho metodológico coerente com esse desejo de partilhar narrativas, entendendo os espaços de formação como *lócus* privilegiado para práticas dialógicas e emancipadoras, considerando a importância dessa formação para implementação de mudanças na escola. Dentro dessa perspectiva, consideramos que é necessário criar espaços que permitam o que Boaventura Sousa Santos (1995, p.106) trata como “reencantamento do mundo, que pressupõe a inserção criativa da novidade utópica no que nos está mais próximo”. No que diz respeito particularmente às imagens, percebemos o seu potencial para contribuir na construção de saberes e, “criar contra saberes”. Assim problematizar a leitura de imagens por meio de um trabalho educativo com caráter emancipatório, é fundamental para a construção de conhecimentos, e isso envolve luta por experiências culturais e epistemológicas, que respeitem as relações interculturais e a diversidade de leituras existentes (SANTOS, 2010a).

## Algumas lentes teóricas

A escolha dos textos imagéticos para o estudo em questão, resultou da compreensão da polissemia das imagens, o que pode tornar essa experiência importante por envolver subjetividades, questões sociais, políticas e culturais, dentre outros aspectos. A pesquisa também pode ser caracterizada como espaço de luta por novas experiências que considerem a problematização das imagens em contextos formativos.

Experiências com leitura de imagens nas práticas educativas são destacadas por Navarro e Ursi (2013) que ressaltam a relevância dessa temática e suas implicações ao tratarmos do desenvolvimento de futuros educadores. A apropriação dos sentidos envolvidos na leitura de imagens amplia a compreensão acerca do texto imagético e possibilita outras *leituras do mundo*. Imagens carregam sentidos ideológicos e, nessa perspectiva, ao apreendê-los por meio da leitura, o estudante pode compreender as subjetividades desse texto.

O que nos move é o desejo de compreender os processos educativos como um movimento de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 2012, p.245) a fim de indagar os sentidos de uma formação docente contrária ao conservadorismo.

Buscamos engendrar um espaço para descolonizar o saber e encontrar novas perspectivas epistemológicas que valorizem experiências de conhecimento do mundo, exercitando práticas sociais mais justas e democráticas (SANTOS, 2010). A proposta de fazer desse espaço um lugar privilegiado para unir pesquisa e formação docente, considera a garantia do direito ao conhecimento, buscando novas práticas epistemológicas concernentes com a emancipação social que pretendemos (SANTOS, 2010b, p.89). Avançando nesse debate, encontramos Oliveira (2012) que se pauta nos estudos desenvolvidos por Santos (2010a) e constrói uma reflexão sobre a questão social e a democracia, onde afirma que é preciso uma construção política para tratarmos o conhecimento, bem como seus usos sociais e status epistemológico.

É importante destacar que nesse estudo, consideramos o texto imagético e suas implicações para o entendimento das relações entre a leitura e o contexto de produção. Tomamos como base a compreensão *da leitura do mundo* nos processos formativos, e, nesse sentido, podemos apontar que o texto imagético torna-se relevante à medida que impulsiona os educadores a escreverem outras histórias com sua *palavramundo* (FREIRE, 1993).

Nossas reflexões novamente se aproximam de Oliveira entendendo que

Estamos, assim, aprendendo com o passado para buscar, no presente, fazermos escolhas melhores do que as que nos trouxeram até aqui – a este mundo desigual, competitivo, destrutivo de si mesmo – e viabilizar, com isso, outros futuros possíveis, em que alternativas utópicas possam ser efetivadas. (2021, p. 318).

A nossa utopia nos conecta com Santos (2016, p.180) à medida que buscamos estabelecer um processo de construção de conhecimentos e descolonização das relações sociais, tratando a pesquisa como um espaço de partilha de saberes e reinvenção das relações entre a pesquisadora e os participantes.

Desta maneira, as reflexões que buscamos construir nesta pesquisa se pautaram por perguntas, entendendo que por meio deste modo de pesquisar vamos construindo uma possível transformação. Nesse sentido, não por acaso nos aproximamos de Larrosa (2018, p. 151) quando ele afirma que o significado da palavra “educação” em seus cursos “não é nunca um ponto de partida, ou algo que se supõe, mas sim algo que se pensa, o assunto que há de se pensar, o problemático mesmo”. As perguntas que fazemos nesse contexto buscam uma atitude reflexiva dos participantes em um exercício que implica perspectivas plurais.

## Interlocuções sobre a imagem

O modo de observar uma fotografia mobilizou vivamente as reflexões de Roland Barthes (2011), que se mostrava francamente seduzido pelo modo de se dar a ver das fotografias e dos fotogramas, um modo distendido no tempo, que oferece ao observador a oportunidade de projetar na imagem suas demandas internas (FATORELLI, 2013, p.20). Percebemos algumas dessas demandas nas narrativas dos estudantes participantes desta pesquisa. Barthes (2011) constrói uma relação entre texto e imagem, definindo entrelaçamentos entre ambos e não complementaridade. Afirma que o sujeito que observa uma imagem é impactado - o que ele chama de *punctum* - porque ela o pune, impulsiona, perturba quem olha. O *punctum*, para Barthes, é algo que fascina o corpo. Fontanari (2015, p.286) sintetiza as ideias sobre o *punctum*, definindo este como o lugar das sentimentalidades, da consciência afetiva, um ponto cortado no tempo e no espaço, onde está depositado todo um momento de emoção. O outro conceito cunhado por Barthes é o *studium*, que vem do verbo *studare*, traduzido por Fontanari como aquilo que está inscrito no enquadramento fotográfico e que, geralmente, se condensa em uma imagem que é oferecida ao olhar e sobretudo ao intelecto.

Entendemos a importância do observador mas ressaltamos que nosso estudo não trata de “ensinar a olhar” nem “alfabetizar o olhar” pois compreendemos assim como Müller (2011, p.27) que cada imagem registra um assunto singular, num particular instante do tempo, e este se dá unicamente em função de um desejo, uma intenção ou necessidade do fotógrafo, mas a compreensão da fotografia como um objeto polissêmico nos traz também o entendimento de que, por meio da leitura, conteúdos subjacentes podem ser desvendados, indo além das aparências e revelando uma outra história

## Contribuições de Walter Benjamin

O conceito de experiência de Walter Benjamin nos orientou durante esse estudo e, dessa maneira, trabalhamos com a concepção de narrativa atrelada com as experiências dos sujeitos, observando como eles conseguem exercitar a “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012, p.213). Caminhamos com esse autor, buscando ouvir as histórias dos participantes, revelando suas experiências e estimulando outras narrativas. Para Benjamin (2012) há uma perda com a entrada no mundo moderno e, talvez possamos considerar que essas “perdas” sejam as experiências que se foram com as transformações advindas desse contexto. O autor lembra que a experiência está ligada à coletividade, ao contar, recontar, construindo fabulações, lembrando, rememorando acontecimentos

experienciados. Por meio das narrativas os pensamentos são organizados com palavras e, ao serem narrados deixam de pertencer ao narrador.

Para Benjamin a experiência também está relacionada com a memória, com o que é passado de geração em geração, com narrativas construídas por meio da oralidade. Para ele, o "monstruoso desenvolvimento da técnica" nos trouxe "uma forma completamente nova de miséria", a pobreza de experiência (BENJAMIN, 2012, p. 124). Por meio da narrativa transmitimos experiência e o declínio da experiência seria uma tentativa de apagamento da história e da tradição. A experiência do homem moderno se coloca, por exemplo, na utilização da câmera fotográfica e na observação de fotografias reproduzidas em grande escala. As narrativas produzidas pelos estudantes se inscrevem como uma forma de lidar com as experiências vivenciadas no mundo (BENJAMIN, 2012, p.124) a partir da observação das fotografias projetadas nas rodas de conversa.

## Metodologia da pesquisa desenvolvida

Partimos dos estudos teóricos relativos à pesquisa qualitativa e criamos um caminho para a construção dos dados empíricos por meio de rodas de conversa. Buscamos compreender como as narrativas construídas durante as conversas podem se constituir enquanto dados da pesquisa, e nos concentramos na construção dos diálogos e na compreensão dos momentos envolvidos naquele contexto. Buscamos uma abordagem que possibilitasse a compreensão acerca do objeto de estudo de forma minuciosa, considerando narrativas, gestos, conversas, palavras e sentimentos envolvidos no contexto desta produção de dados. Nesse sentido, consideramos a experiência dos participantes da pesquisa, e criamos uma ambiência para que pudessem se expressar livremente, o que nos permitiu entender também o modo como vivenciaram o contexto de produção da pesquisa. Consideramos que o processo de condução de investigação qualitativa precisa refletir o diálogo entre pesquisador e os sujeitos participantes da investigação.

As rodas de conversa são utilizadas por pesquisadores (FERRAÇO; ALVEZ, 2018; LACERDA; OLIVEIRA, 2016; RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018) que investem em ações investigativas que são propositivas de encontro, buscando mudanças nas posturas tradicionais de investigação, e por meio das quais os sujeitos sejam participantes de uma pesquisa desenvolvida com eles e não sobre eles. As conversas construídas no *lócus* desta pesquisa nos pareceram propiciadoras de trocas potentes nas relações pretendidas por nós durante a pesquisa, no entanto, havia uma inquietação a respeito deste caminho de

conversas que poderiam nos conduzir por “uma linha de fuga às normativas da pesquisa científica”. Entretanto, as conversas possibilitaram uma escuta atenta para as diferenças, para a alteridade e singularidades constitutivas dos encontros (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p.29).

Corroboramos as palavras de Lacerda e Oliveira (2016, p. 1219), a respeito da compreensão das conversas como “formas potentes de pesquisar com os sujeitos e não em seu nome e/ou para eles”. As conversas constituíram-se como na pesquisa dessas autoras, espaçotempos de partilha, onde foram oportunizados tanto o relato de experiências pedagógicas daqueles estudantes quanto as nossas inquietações e frustrações, pelos acontecimentos percebidos no contexto de formação inicial na universidade. Assim como as autoras, percebemos que, por meio das rodas de conversa, foi possível vivenciar outras formas de conhecer e de expressar acontecimentos com a clareza de não haver realidade “neutra” entre os sujeitos que se encontraram e dialogaram nessas rodas.

Foram realizadas seis rodas de conversa com um total de setenta e dois (72) participantes, com faixa etária variada, entre dezenove (19) e cinquenta e dois (52) anos, sendo que, a maior parte se concentrava na faixa etária de vinte (20) a vinte e sete (27) anos. As rodas de conversa tinham início com uma projeção de fotos composta por dez imagens. No primeiro momento, os participantes eram estimulados a falar livremente sobre a observação e os sentimentos despertados com as imagens projetadas; no momento seguinte, eram convidados(as) a escolher uma única imagem e descrever os seus sentidos.

Na apresentação dos dados, os participantes foram nomeados com nomes de fotógrafos, como uma forma de preservar a sua identidade. Todos os momentos das rodas de conversa foram filmados e fotografados e, além disso, foram feitos registros de áudio. Em todas as rodas os mediadores eram organizados em duplas que se dividiam entre registros e mediação das narrativas. Os registros de fotografia e filmagem foram produzidos por um fotógrafo que também cedeu as imagens utilizadas.

## Analizando leituras imagéticas



**Figura 1** – Biblioteca da Escola Municipal de Paracatu de Baixo (MG), uma das cidades atingidas pelo desastre causado pela Mineradora Samarco. Esta escola, localizada no centro de Paracatu, ficou completamente destruída, pois a lama atingiu até o segundo andar do prédio. Segundo relatos de moradores, na hora em que a lama chegou, os moradores já haviam abandonado a cidade. Reportagem feita para a Fiocruz.

**Fonte:** Peter Illiciev / CCS/Fiocruz

Nas projeções, algumas imagens suscitavam narrativas exaltadas e de indignação. De certa maneira, isso orientou a nossa escolha da fotografia apresentada neste artigo, em virtude da impossibilidade de apresentar todas as fotos. As narrativas de Bárbara Copque e Lucíola Villela remetem suas leituras a questões bem distintas: a primeira fala da foto mas em meio a destruição, destaca a composição da cena com “os passarinhos coloridos”; a segunda faz uma apropriação desta fotografia, resignificando-a com sentidos como consciência política e destruição do patrimônio público. As ligações que essas estudantes estabelecem com seus próprios sentimentos e visões de mundo é aparentemente sutil, entretanto reconhecemos os sentidos de conotação fortemente presentes pela forma subjetiva com que ambas falam de suas leituras.

Fiquei indecisa mas a foto que chamou atenção foi da sala de aula toda destruída e, em cima alí tem os passarinhos coloridos ... é uma sala de aula né? É mesmo meu Deus! (Bárbara Copque).

Tem um contexto escolar cheio de destruição, consciência política né, porque destroem tudo que é público depois ficam sem nada...dor porque quem são as crianças que vão ficar sem essas escolas que

destruíram, depredaram...como é que são tratadas as realidades infantis? Tem situações muito diferentes em todo lugar ...tem lugar que só tem isso aí...só mesmo destruição! (Lucíola Villela).

Acreditamos, como Muriel Pic (2015, p.81), que as imagens produzem ligações invisíveis, algumas mais evidentes do que as outras e, para serem reconhecidas, essas ligações necessitam de um gesto físico semelhante a um ato de leitura. Esse ato de leitura é investigado a partir das apropriações que os estudantes fazem e suas ressignificações elaboradas por meio das narrativas. Buscamos, assim como Pic (2015, p.82), compreender essas narrativas retirando as imagens da névoa que existe desde os primórdios da fotografia, como conta Walter Benjamin. Também consideramos como Benjamin (2012, p.100) que

Apesar de toda a perícia do fotógrafo os leitores sentem a necessidade irresistível de procurar a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de encontrar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje no “ter sido assim”, desses minutos únicos, há muito extintos, e com tanta eloquência, que, olhando para trás, podemos descobri-lo.

Nossos leitores demonstram que em seus momentos de observação das fotografias, reconhecem, ainda que inconscientemente, as imbricações que existem na relação entre a imagem e o leitor, pois como nos informa Didi-Huberman (2013, p.53) esta contemplação não é uma atividade mítica nem ignorante diante da imagem, e corrobora suas reflexões com a bela citação de Panofsky: “a relação do olho com o mundo é, em realidade, uma relação da alma com o mundo do olho” (1940, p.188 apud DIDI-HUBERMAN, 2013, p.187).

Nas leituras das fotografias projetadas, os estudantes revelavam aspectos de cunho denotativo, mas também mundos que estavam escondidos e ocultos, compreensíveis por meio dos sentidos conotativos ou obtusos e que se revelam a partir da interpretação que esses leitores lhes implicam. Benjamin (2012) trata com distinção a natureza de que fala a câmera em relação à natureza que fala ao olhar, pois por meio desta a fotografia pode revelar o inconsciente ótico da mesma maneira que a psicanálise revela o inconsciente pulsional. Essa forma de “falar ao olhar” distingue as diferentes maneiras de ler e compreender a experiência com a imagem.

Desta maneira, outras narrativas foram surgindo, imbricadas com os participantes, e destacamos aqui algumas delas. Lembramos que o grande número de narrativas nos fez rever várias vezes esses recortes e a própria extensão da narrativa selecionada. Alguns

casos nos mobilizaram intensamente, pois os enunciados eram muito ricos do ponto de vista de um estudo que se pautou na “escuta do outro”.

A imagem que mais me impactou foi a primeira imagem que eu não vi criança e depois dali eu não vi mais nenhuma criança, mas essa aí tem muita coisa prá pensar...não tem criança e de repente a gente vê tudo destruído e dá prá pensar: \_ onde estão as crianças? Será que essa é a mensagem? As crianças sumiram foram destruídas junto com a destruição do lugar, dessa biblioteca? (Patrícia Monteiro).

A imagem do ambiente todo desarrumado parece uma sala de aula, eu acho que quando você vê e olha direito dá muita revolta porque é tão difícil conseguir ter uma sala de aula, biblioteca, daí eles vão lá e destrói, destrói tudo (Daniela Barcelos).

As narrativas apresentadas nos falam de modos de pensar sobre a foto, de maneira adensada pela experiência, destacando aspectos da criança, da escola, da própria relação de responsabilidade com o espaço escolar e seus bens deste espaço. Segundo uma das estudantes, “vivemos um tempo em que há muito desrespeito à escola, à figura do professor e situações extremas de destruição de espaços escolares, como forma de vandalismo”. Nas narrativas eles relacionam a foto com situações vividas no cotidiano escolar e, o ato de narrar torna-se também forma de protesto contra essas situações. Narrar essas histórias a partir das fotografias mostra que os leitores foram impulsionados a refletir sobre os sentidos da vida e rememorar momentos enredados no cotidiano escolar. Isto é fortemente marcado na narrativa de Jorge Villacorta, apresentada a seguir.

A imagem que eu quero falar sobre ela é aquela os vândalos na biblioteca, porque eu estive na direção de uma escola durante 7 anos e quando eu assumi essa direção eu sempre sonhei muito com a educação e eu apostava que através da leitura a gente poderia superar, conquistar espaços e resgatar e, quando a gente montou a biblioteca com muitas dificuldades, com muitas doações, com parceria de empresas – porque o poder público nunca colabora o suficiente – e um belo dia eu cheguei na escola e a gente abriu a escola, alunos, ex-alunos e alunos atuais tinham alí exatamente o espaço que nós sonhamos e quando eu cheguei e eles tinham detonado o espaço, então aquilo ...Caramba! Parece que tirou um pedaço da gente...chegou a gente a pensar como acabaram com o nosso sonho? Como a gente vai reconstruir isso? Então, acho que marcou muito esse momento também...onde a gente depositava que era um sonho da comunidade, aqueles que a gente queria ajudar, através da leitura a gente pensava que poderia ajudar. (Jorge Villacorta).

Acho que é uma biblioteca...uma biblioteca estragada toda quebrada. É uma sala mas também parece com um ambiente de criança porque tem uns objetos lúdicos ali em cima...Parece uma sala de aula... Aí

depois que aparece tudo destruído não aparece mais criança em momento nenhum... (Luana Dias).

...Mas parece uma sala de aula de adulto... (Jorge Villacorta).

Esta foto foi analisada por vários estudantes que abordaram aspectos que nos indicam os elementos conotadores fortemente presentes nas leituras. Na narrativa de Jorge Villacorta há, primeiramente, uma leitura que apresenta sentidos denotados, como vandalismo e destruição, assim como na narrativa de Luana Dias. A imagem em questão mostra claramente uma sala que se assemelha a uma sala de aula ou uma biblioteca completamente destruída. Os elementos conotadores que aparecem como um segundo sentido, são aqueles relacionados ao sentimento que descrevem ao ver essa imagem: sonhos desfeitos, desolação, destruição. Nos parece que há uma relação direta com questões relacionadas aos problemas na educação, e com a dificuldade de desenvolver propostas que sejam voltadas para a infância e a leitura. O estudante Jorge resgata em sua memória a experiência como gestor de uma escola e a difícil situação de encontrar um espaço destruído, bem como as dificuldades inerentes ao processo de gestão de uma escola “[...]porque o poder público nunca colabora o suficiente”. Podemos inferir que há ainda um outro sentido que é considerado por Barthes como sentido obtuso, que por ser mais ameno, sugere que por meio da leitura e de espaços como esse – agora destruído – será possível melhorar as condições de ensino e as possibilidades de aprendizagem.

Na visão barthesiana, o *studium* pode estar presente no momento em que as pessoas se deparam com esta fotografia e a tratam como imagem da destruição para, em seguida, descrever sentimentos mais profundos que estão relacionados com aquilo que *causa o punctum*, nos impulsionando para agradar ou desagradar, mas sempre nos provocando de forma incisiva.

A imagem que mais me impactou foi das estantes porque até então eu tava pensando que iam ser só imagens de crianças ...foi a primeira imagem que eu não vi criança e depois dali também não vi mais nenhuma criança apesar de ter uma outra imagem que eu achei que era do contexto escolar...mas foi a que mais me impactou porque eu tava vendo criança o tempo inteiro e coisas relacionadas com a infância e, de repente, não. Prá mim parecia a Síria...me lembrou a Síria, mas eu não sei se isso seria de lá ou de onde que é...(Mayra Mendoza).

Essa foto da sala de aula toda bagunçada e tudo me remeteu a crianças que perdem muitas aulas que não tem infraestrutura adequada pela escola estar num contexto social não muito agradável, a violência tá tomando espaço e nesses dias úteis de aula e, em cima disso, a gente também tem uma que reforma do Ensino Médio que

vem alterar essa infraestrutura só que aquilo que já tem aquilo que já é precário como é que você vai trabalhar em cima do que já não está nada bom... aí me remeteu a essa situação também. (Marco Terranova).

As narrativas acima referem-se também aos sentidos que os leitores consideram a partir da emoção suscitada pela imagem. Podemos perceber que as narrativas estão carregadas de elementos conotativos que destacam problemas sociais e questões relacionadas à estrutura educativa. O estudante Marco Terranova faz também uma relação com a Reforma do Ensino Médio – assunto que estava sendo bastante noticiado na mídia – e por meio de sua leitura faz uma crítica ao sistema educacional brasileiro. Como sabemos, a leitura de uma imagem é sempre histórica e depende dos saberes dos leitores, por meio daquilo que aprendem, por meio dos signos que reconhecem (BARTHES, 2009, p.25). Além disso, quanto maior o conhecimento sobre determinado tema maiores serão as possibilidades de inferências e leituras com níveis profundos de análise.

## Considerações Finais

A pesquisa aqui apresentada buscou compreender os modos de ler imagens que os estudantes de pedagogia apresentavam em um contexto criado pela pesquisadora com rodas de conversa, onde a fotografia foi utilizada como instrumento de pesquisa, permeando as ações pensadas para estimular as construções narrativas dos participantes. Nesse sentido, foi importante nos apropriarmos de reflexões a respeito da fotografia, buscando compreender o olhar dos estudantes e de que maneira as fotografias mobilizam, emocionam, tornam latentes sentimentos e conhecimentos. Em todos os momentos da pesquisa consideramos que somos seres determinados culturalmente, frutos do nosso momento histórico – social e, nesse sentido, não possuímos leituras iguais de uma mesma fotografia, nem sob o ponto de vista de produtores nem como receptores. Decifrar uma imagem também se relaciona com esse momento que vivemos. Consideramos que a liberdade do observador se relaciona diretamente com a trama conduzida por ele em sua história de vida, e isto que influencia as interpretações e particulariza o momento em que este se depara com a imagem, seduzido e impulsionado a relacionar-se de maneira a projetar também demandas internas, desejos e anseios.

No que diz respeito aos conceitos discutidos procuramos explicitar os modos como as fotografias são investidas de valores e sentidos, que estão imbricados desde a produção por meio das escolhas e intencionalidades do fotógrafo. Na análise procuramos relacionar as narrativas com os conceitos trazidos por Roland Barthes e Walter Benjamin, a fim de

demonstrar como as fotografias permitem leituras polissêmicas e carregadas desses sentidos que estão relacionados também aos sujeitos e seu contexto histórico, social e cultural de produção e recepção. Foi importante criar oportunidades para discutir o valor das imagens em detrimento do texto e ainda da complementaridade ou não entre os dois tipos de textos. Essas discussões foram importantes no que diz respeito à formação dos estudantes e suas práticas enquanto educadores.

Reafirmamos nossas hipóteses de que por meio das imagens podemos promover a leitura crítica e um outro olhar para os textos que se inserem no campo da cultura visual. Consideramos relevante que outras ações como as rodas de conversa propostas nesta pesquisa – ainda que tenham sido idealizadas como procedimento metodológico – possam ser realizadas no intuito de promover espaços para leitura de imagens e reflexões sobre estas ações.

Fazemos coro às considerações de Paulo Freire destacadas por Romão (2010, p. 96)

Por isso, cada vez mais, no mundo dominado pelas imagens, é importante a promoção de pesquisas sobre a imagem, para que a educação contemporânea se desenvolva enquanto instrumento de conscientização e de libertação. Simplesmente rejeitar a imagem, porque ela é manipulada pelos grupos hegemônicos, é abandonar os instrumentos e mecanismos da leitura crítica do mundo, é não enxergar que ao adversário se apropriou de nossos instrumentos de luta e resistência, é capitular no presente, renunciando ao futuro enquanto possibilidade civilizatória.

Consideramos que as rodas de conversa foram propiciadoras de leituras que envolveram conscientização e, nesse sentido, tornaram o processo formativo potente para transformações. Dessa forma, a fotografia tornou-se uma ferramenta importante para tratarmos essa experiência de observação e apresentação de questões subjetivas presentes nas leituras.

A escuta aberta aos diálogos produzidos no espaço das rodas de conversa nos encaminhou para descobertas que se tornaram possíveis pelas diferentes narrativas construídas neste espaço. Neste sentido, partilhamos do sentimento de outros autores, de que as conversas quando, de fato, acontecem, têm a potência de colocar sob suspeita nossas verdades, empurrando-as para os limites de nossas crenças-valores, ao nos forçar a pensar com outras referências os acontecimentos vividos nos cotidianos de nossas vidas (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p.58).

Nossos resultados apontam para desafios que estão postos na formação de professores, na busca por uma *educação libertadora* e priorizando a formação para *leituras*

*do mundo*, entendendo-as como nossa aposta para mudanças na escola. O espaço de interlocução propiciado nas rodas de conversa, potencializa a criação de novos percursos no sentido de práticas educativas democráticas. Por meio da leitura de imagens os estudantes têm a oportunidade de descobrir novos sentidos, bem como engendrar suas referências, promovendo um outro olhar para os textos que se inserem no campo da cultura visual.

## Referências

- ASSUMPÇÃO, Adriana Maria; GOUVÊA, Guaracira. Imagens, narrativas docentes e cidadania. **Sinergias - diálogos educativos para a transformação social**, Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), Porto, v. 12, p. 85-104, 2021.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo, SP: LeYa, 2013.
- BARTHES, Roland. **Inéditos, vol.3: Imagem e Moda**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Lisboa, Portugal: Edições 70 Lda., 2009.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas**. 8ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da Imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- FATORELLI, Antonio. **Fotografia Contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias**. Rio de Janeiro, RJ: Senac Nacional, 2013.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de Souza; SAMPAIO, Carmem Sanchez. (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro, RJ: Ayvu, 2018.
- FONTANARI, Rodrigo. Roland Barthes e a fotografia. **Discursos Fotográficos**. Londrina, v.6, n.9, p.53 – 76, jul./dez. 2010. Disponível em <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/6763>. Acesso em 03 mar. 2022.
- FONTANARI, Rodrigo. Do neutro ao *Punctum* – em Busca do Grau Zero do Olhar. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.17, n.1, p.277-94, jul./abr. 2014. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/issue/view/819>. Acesso em 03 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

LACERDA, Eliane Fernandes de; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Os currículos praticados pensados de uma escola da rede pública municipal de Angra dos Reis/RJ: em busca da justiça cognitiva e da tessitura da emancipação social. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.04, p. 1213 – 1235 out./dez.2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/issue/view/1720>. Acesso em 01 mar. 2022.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018.

NAVARRO, Talita Eloá Mansano; URSI, Suzana. Uso de imagens na disciplina de Ecologia do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza – USP. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS- IX ENPEC. **Atas**. Águas de Lindóia, SP: ABRAPEC-10 a 14 de novembro de 2013.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. **As aparências enganam?** Petrópolis, RJ: De Petrus et Alli; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos: do passado indesculpável ao presente ativo na tessitura do futuro. **Revista Escripturas**, Petrolina, v. 5, n. 2. p. 317-338, 2021. Disponível em: <https://www.revistaescripturas.com/numero-20212>. Acesso em 01 mar. 2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos pensados praticados. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.1-22, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 01 mar. 2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Currículo e processos de aprendizagem-ensino: políticas práticas educacionais cotidianas. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 375-391, 2013. Disponível em: <http://artigos-csf.org/index.php/csf> . Acesso em 01 mar. 2022.

PIC, Muriel. **As desordens da biblioteca: fotomontagens; A biblioteca obscura de W.H.F. Talbot**. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

RIBEIRO, Tiago. **Pensamento, diálogo e formação de professores: a documentação narrativa de experiências pedagógicas no GEPPAN**. Orientadora: Carmen Sanches Sampaio. pp.148. Dissertação. Mestrado em Educação. PPGEDU. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de Souza; SAMPAIO, Carmem Sanchez. (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e a Imagem**. Educação & Linguagem, v. 13, n. 22, p.77-97, jul./dez. 2010. Disponível em:  
<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/EL/issue/archive>.  
Acesso em: 01 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo, Uruguay: Ediciones Trilce – Extensión universitaria. Universidad de La República, 2010b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia: reinventar as esquerdas**. 1ªed., São Paulo: Boitempo, 2016.

**Revisores de línguas e ABNT:** *Corina Evelin Demarchi Villalón e Ginneth Pulido Gomez*

**Submetido em 07/03/2022**

**Aprovado em 26/03/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)